


■ DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ Fotografia como linguagem inclusiva: a experiência de um professor com baixa visão no percurso formativo

Photography as an inclusive language: a teacher's experience with low vision in the training process

 Daniel Fama de Freitas *
Tadeu Amoroso Maia **

Resumo: Este relato de experiência tem como foco a fotografia enquanto linguagem inclusiva, a partir da trajetória de um professor com baixa visão em um percurso formativo. Fundamentado na fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, o estudo discute, por meio da narrativa do docente, suas aprendizagens, superações e reflexões sobre o impacto da fotografia, desafiando a normatividade do olhar e as concepções capacitistas presentes no ambiente escolar. O percurso formativo, intitulado A Fotografia como Recurso Educacional, é ofertado pela Unidade Escola de Formação dos Profissionais da Educação do Distrito Federal – EAPE e tem como objetivo formar professores para o uso da fotografia como ferramenta pedagógica e recurso educacional. Este relato de experiência como metodologia possibilita a construção do conhecimento a partir de evidências empíricas, através de uma entrevista semiestruturada o professor evidencia a potência criativa de pessoas com deficiência visual no campo da fotografia e mostra-se como um catalisador para a desconstrução de concepções capacitistas, contribuindo para a valorização da diversidade de percepções e práticas no contexto educacional.

Palavras-chave: Fotografia. Educação inclusiva. Capacitismo. Baixa visão. Formação continuada. Percepção.

Abstract: This experience report focuses on photography as an inclusive language, highlighting the journey of a teacher with low vision in a training course. Drawing on Maurice Merleau-Ponty's phenomenology, the study explores the teacher's narrative, discussing his learnings, challenges, and reflections on the impact of photography. It aims to challenge normative views of perception and the ableist beliefs present in the educational environment. The training course, titled "Photography as an Educational Resource," is offered by the Federal District's School of Education Professionals Training Unit (EAPE). Its goal is to train teachers to use photography as a pedagogical tool and educational resource. This experience report utilizes a methodology that allows for the construction of knowledge based on empirical evidence. Through a semi-structured interview, the teacher emphasizes the creative potential of visually impaired individuals in the realm of photography. His insights help dismantle ableist conceptions, contributing to a broader appreciation of diverse perceptions and practices within the educational context.

Keywords: Photography. Inclusive education. Ableism. Low vision. Continuing education. Perception.

* Graduado em Educação Artística pela Universidade de Brasília (2001) e especialização em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas - Arte pela UnB (2008). Atualmente é Coordenador Intermediário da Secretaria de Estado de Educação. Tem experiência em Artes, com ênfase em Artes Plásticas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9005378990691965>. Contato: danielfamafotografia@gmail.com

** Pós-Graduação em Arte e Tecnologia pela Universidade de Brasília (2007), graduação em Educação Artística (2001) pela mesma instituição. Educador, fotógrafo profissional e artista plástico, integrando o quadro da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal o qual atua na formação continuada de professores da Educação Básica. Tem experiência na área de Artes, com ênfase no ensino da fotografia digital e tradicional no processo de câmera escura - laboratório fotográfico. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1532391008068095>. Contato: tadeu.maia@se.df.gov.br

Introdução

Em *O Visível e o Invisível* (1964), o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty empreende uma profunda investigação sobre a natureza da percepção e a relação entre o sujeito e o mundo. Fundamentado na fenomenologia, Merleau-Ponty destaca a experiência vivida e a consciência corporal como elementos centrais para compreender a interação humana com o ambiente.

Para Merleau-Ponty (1964), o corpo é o ponto de partida para toda experiência, sendo compreendido não apenas como um objeto físico, mas como um sujeito perceptivo que sente, toca, vê e ouve. A partir dessa concepção, o filósofo desenvolve o conceito de percepção como um processo ativo e incorporado, no qual o sujeito não se limita a receber informações do mundo externo, mas o constitui e lhe atribui sentido por meio da sua ação no mundo. A percepção, portanto, envolve o corpo inteiro em uma dinâmica de interação com o ambiente, tornando o mundo visível e inteligível a partir da experiência vivida. Esse conceito de percepção é especialmente pertinente para refletir sobre a educação inclusiva e o enfrentamento do capacitismo, pois desafia a normatividade do olhar que tende a invisibilizar corpos e formas de existência que escapam aos padrões hegemônicos. Nessa perspectiva, a percepção não se restringe ao que é visível nos moldes tradicionais, mas se amplia para valorizar múltiplas formas de experienciar e interagir com o mundo, incluindo aquelas vividas por pessoas com deficiência visual.

Assim, ao abordar o relato de experiência de um professor com baixa visão em um percurso formativo que utiliza a fotografia como recurso pedagógico, este artigo propõe uma reflexão sobre as tensões entre o visível e o invisível no cotidiano escolar, fundamentada na obra de Merleau-Ponty, que possibilita reconhecer e questionar as fronteiras do olhar e as construções sociais capacitistas na educação.

O capacitismo, entendido como um sistema de opressão que estabelece padrões de normalidade baseados na ideia de corpos funcionalmente íntegros, impacta profundamente as práticas pedagógicas e as trajetórias formativas de pessoas com deficiência (Diniz, 2007; Silva, 2020). Tal construção social produz barreiras simbólicas e materiais, que excluem e desvalorizam modos diversos de perceber, sentir e interagir com o mundo. Este relato de experiência insere-se no contexto desse dossiê, que propõe refletir criticamente sobre o capacitismo e suas implicações na educação inclusiva, buscando ampliar o debate sobre o corpo, a deficiência e as práticas pedagógicas que desafiem a normatividade e promovam uma educação verdadeiramente inclusiva e não capacitista (Mazzotta, 2011).

Ao dialogar com esta obra, este trabalho busca problematizar a maneira como as práticas pedagógicas podem – ou não – acolher e valorizar trajetórias que rompam com

a visão da deficiência como déficit, substituindo-a por uma perspectiva que a reconhece como diferença e potência (Skliar, 2003; Kassir, 2011). Destacando a potência criativa e expressiva de uma pessoa com deficiência visual no campo da fotografia, este relato possibilita uma reflexão do que se entende por capacidade e competência, apondo caminhos possíveis para uma educação inclusiva comprometida com a desconstrução do capacitismo.

O percurso A Fotografia como Recurso Educacional

O percurso formativo *A Fotografia como Recurso Educacional*, com carga horária de 90 horas, é ofertado desde 2023 pela Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação – EAPE, como uma proposta de formação continuada e em serviço. A cada semestre, aproximadamente 60 servidores públicos, das carreiras magistério ou políticas públicas e gestão educacional (PPGE), são formados, ampliando, assim, o alcance e o impacto desta iniciativa que visa potencializar o uso da fotografia como ferramenta pedagógica e recurso educacional.

A justificativa para a criação deste percurso está ancorada na compreensão da fotografia como uma linguagem visual potente e interdisciplinar, especialmente relevante no contexto contemporâneo, marcado pelas profundas transformações advindas da cultura digital. A formação é oferecida na modalidade de educação a distância (EaD), com encontros presenciais, alinhada às mudanças que permeiam o campo educacional e ao entendimento de que o registro visual é um elemento que dialoga com os contextos escolares, tanto de forma individual quanto coletiva.

Sua proposta pedagógica visa ao desenvolvimento das habilidades e competências associadas à leitura e à produção imagética, habilidades estas previstas no Currículo em Movimento para a Educação Básica do Distrito Federal (Distrito Federal, 2014). Assim, busca-se fomentar práticas pedagógicas inovadoras, criativas, flexíveis e humanizadas, que respondam às exigências contemporâneas e aos desafios postos pela presença massiva dos artefatos tecnológicos no cotidiano escolar, bem como aos desafios presente pela onipresença de imagens na sociedade e em especial no ambiente escolar.

Ademais, o percurso está em consonância com as orientações do Plano Nacional de Educação (PNE), atendendo diretamente às Metas 3 e 15, que tratam, respectivamente, da promoção da formação continuada e valorização dos profissionais da educação, bem como do estímulo à renovação pedagógica e à incorporação das modernas tecnologias de informação e comunicação (Brasil, 2014). Do mesmo modo, responde às diretrizes do Plano Nacional de Educação que estabelecem como princípios a melhoria da qualidade

da educação e a formação para o trabalho e para a cidadania, enfatizando os valores éticos e morais que fundamentam a sociedade.

Ao propor o uso das fotografias e das imagens como estratégia pedagógica, o percurso visa proporcionar aos professores uma visão crítica da produção imagética, qualificando o uso desse recurso em diferentes níveis e contextos da educação básica. Conforme destacam Santos, Miranda e Gonzaga (2018), a fotografia possui um papel educativo de extrema importância, sendo uma linguagem que contribui não apenas para o desenvolvimento de competências técnicas, mas também para a ampliação das possibilidades expressivas e comunicativas de docentes e discentes.

Considerando as transformações socioculturais que atravessam o contexto educativo e que promovem mudanças significativas nos costumes, comportamentos, interações e práticas pedagógicas — todas elas mediadas e potencializadas pela cultura digital —, a fotografia se configura como um recurso didático de grande relevância. Sua utilização pedagógica articula-se diretamente com as competências previstas na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), que enfatizam a importância da formação docente pautada pela tríade “conhecimento, prática e engajamento” (Brasil, 2018).

Nesse contexto, o percurso promove a apropriação crítica e criativa dos recursos tecnológicos disponíveis no cotidiano escolar, possibilitando que professores e estudantes aprendam fazendo, mediante a produção de imagens e de múltiplas narrativas visuais (Boni, 2007). Assim, contribui-se para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, reflexivas e emancipatórias, capazes de valorizar a diversidade de sujeitos e suas formas singulares de expressão e aprendizagem.

Metodologia

Este estudo configura-se como um relato de experiência, compreendido, segundo Antunes *et al.* (2024), como uma importante contribuição para as ciências humanas e sociais, na medida em que possibilita a construção do conhecimento a partir de evidências empíricas. Ainda que passível de viés, o relato amplia discussões e fortalece teorias à luz da realidade vivida, oferecendo subsídios concretos para o campo educacional.

Nesse caso, trata-se da trajetória formativa de um professor com baixa visão no curso *A Fotografia como Recurso Educacional*. Para a coleta de dados, utilizou-se uma entrevista aberta com roteiro semiestruturado, recurso que possibilitou explorar dimensões formativas, pedagógicas e subjetivas da experiência docente, permitindo captar tanto os desafios enfrentados quanto os processos de aprendizagem construídos. A análise do material produzido concentrou-se na narrativa do

professor, entendida como eixo central para revelar os processos de transformação vividos. De acordo com Antunes *et al.* (2024), a sistematização de um relato de experiência requer do pesquisador uma organização reflexiva dos dados, de modo a produzir uma descrição densa, coerente e significativa, que contribua efetivamente para a formação docente e para a valorização de práticas inclusivas.

A experiência de um professor com deficiência visual no percurso formativo

Entre os cursistas participantes do percurso *A Fotografia como Recurso Educacional*, 2025, destaca-se a experiência singular de um professor de 44 anos, com baixa visão, que assumiu o desafio de ampliar suas competências no campo da produção imagética e incorporar a fotografia como recurso pedagógico em sua prática docente. Sua trajetória formativa revela a potência da fotografia como linguagem acessível e como ferramenta para romper com concepções capacitistas que associam a deficiência visual à impossibilidade de atuação em áreas vinculadas à percepção visual (Diniz, 2007; Silva, 2020).

A participação desse professor no percurso evidencia a necessidade de compreender a educação inclusiva não apenas como um conjunto de estratégias de acessibilidade, mas como uma proposta ética e política que reconhece e valoriza diferentes modos de perceber, de produzir conhecimento e de se expressar no ambiente escolar (Skliar, 2003; Kassar, 2011). Sua trajetória, nesse sentido, reflete um movimento de resistência ao capacitismo estrutural, ao mesmo tempo em que promove uma reflexão importante sobre os limites e as potencialidades das tecnologias assistivas e das práticas pedagógicas inovadoras (Mittler, 2003).

Ao longo da formação, o professor com baixa visão não apenas apropriou-se de técnicas de fotografia adaptadas às suas necessidades, como também desenvolveu uma perspectiva crítica sobre o uso das imagens como recurso didático, apontando caminhos para a promoção de uma educação mais inclusiva, sensível e plural (Santos; Miranda; Gonzaga, 2018). Sua experiência ilustra, de modo concreto, como o percurso formativo possibilita o deslocamento de barreiras atitudinais e metodológicas, ampliando as possibilidades de atuação de professores com deficiência e, consequentemente, de seus estudantes (Sasaki, 2005).

A escuta da voz deste professor é, portanto, elemento central para este relato de experiência, permitindo que se compreenda, a partir de sua perspectiva, os desafios enfrentados, as estratégias construídas e as transformações vividas no processo de formação continuada em uma área tão associada ao olhar e à visão. Para tanto, propõe-se a realização de uma entrevista aberta, orientada

por um roteiro que busca captar aspectos formativos, pedagógicos e subjetivos da sua trajetória.

A experiência do professor: narrativas e análises

A participação de um professor de 44 anos com baixa visão no percurso revela a potência da fotografia como linguagem acessível e ferramenta para romper com concepções capacitistas. Sua trajetória reflete um movimento de resistência e promove uma reflexão sobre os limites e as potencialidades de práticas pedagógicas inovadoras. A seguir, são apresentadas suas narrativas, seguidas da análise correspondente.

Ao ser questionado sobre os conhecimentos e habilidades que adquiriu ao longo do curso, o professor respondeu:

R: Conhecer a fundo a história da fotografia, a importância da imagem e a vida e obra de vários fotógrafos, como a de Sebastião Salgado, que veio a falecer durante o nosso curso, onde os nossos professores fizeram uma singela homenagem a ele. E mais, depois do curso de jornalismo, e agora com o do curso de fotografia da EAPE, acredito que uma das minhas habilidades que adquiri é que estou fotografando melhor. Hoje, antes de clicar, eu estou imaginando a fotografia na mente, e depois que clico a imagem é, exatamente, aquilo que pensei...

Em sua resposta, o professor destacou o aprofundamento na história da fotografia, a importância da imagem e o estudo da obra de diversos fotógrafos. Sua afirmação de que, antes de clicar, já imagina a imagem mentalmente e o resultado corresponde ao que pensou, evidencia uma melhoria em sua capacidade fotográfica. Essa habilidade reforça a ideia de que a percepção e a criação imagética transcendem a acuidade visual, envolvendo uma complexa interação de sentidos e cognição.

Sobre a presença do capacitismo em sua jornada formativa, o docente relatou:

R: Sim, entretanto, no curso de fotografia, todos os materiais que recebi estavam de acordo com a minha deficiência visual. Ou seja, fonte 28, equipamentos fotográficos fáceis de manuseá-los, sala ambiente limpa e bem conservada.

Embora o capacitismo tenha sido uma realidade em sua trajetória, o professor enfatizou que, no curso de fotografia, todos os materiais e equipamentos foram acessíveis e adaptados às suas necessidades, incluindo o uso de fonte 28. Esse aspecto sublinha a importância de um *design* inclusivo e de práticas pedagógicas que considerem a diversidade como ponto de partida.

Questionado sobre a importância de romper com essas concepções na educação, afirmou:

R: Para saber lidar com uma pessoa com deficiência visual em sala de aula, precisamos qualificar melhor o profissional da educação, ou seja, remunerá-los, treiná-los e também qualificá-los para lidar melhor com as PCDs. Sabemos que nem todos os profissionais da educação pública sabem lidar com a situação de cada pessoa com deficiência. Porém, acreditemos que a educação é um dos poucos recursos que temos para ajudá-los...

Para combater o capacitismo, o professor sugeriu a qualificação e valorização dos profissionais da educação por meio de remuneração, treinamento e capacitação específica. Ele ressaltou que a educação é um recurso fundamental para auxiliar pessoas com deficiência, enfatizando a necessidade de uma transformação sistêmica em que a deficiência seja uma responsabilidade do sistema educacional.

Ao dar conselhos a outros professores com deficiência visual, o participante declarou:

R: Acima de tudo, aconselho que a “fotografia é uma arte”, e como toda arte requer uma entrega total. Fotografia não é pegar uma câmera e sair por aí tirando foto de tudo e de todos. Fotografia, como a dança, a música e o cinema, é um estilo de vida. Muitos profissionais sustentam suas famílias através das fotos. Mas, existem também aqueles que a têm como hobby, uma forma de curar uma depressão, ou até mesmo, um novo modo de viver a vida.

O professor define a fotografia como uma “arte” que demanda “entrega total”, podendo ser um “estilo de vida”, um *hobby* ou uma “forma de curar uma depressão”. Essa perspectiva humanizada e transformadora, vinda de alguém com baixa visão, serve de inspiração para que se reconheçam e fomentem as diversas formas de expressão e talento, independentemente das condições dos estudantes.

Sobre possíveis melhorias para o curso, ele sugeriu:

R: O curso de fotografia precisa ser ainda mais destacado no site da EAPE. Onde trabalho (no CED 02 Paranoá), os professores viram a máquina fotográfica analógica que criamos, muitos se interessaram em fazer o curso e outros até pediram para ensiná-los a fazer máquina analógica, no entanto, acredito que falta promover melhor. E mais, em minhas aulas de Português, volta e meia, falo da importância da fotografia, tanto para o nosso país como para as redes sociais...

Entre as sugestões, o professor apontou a necessidade de melhor promoção do curso no site da EAPE, mencionando o interesse gerado entre seus colegas de trabalho. Ele também destacou como integra o tema em suas próprias aulas de Português, evidenciando a relevância transversal da fotografia.

Finalmente, ao compartilhar algo mais sobre sua experiência, expressou sua gratidão:

R: Só quero agradecer a toda equipe da EAPE, em especial aos professores Daniel Fama e Tadeu Maia, pois o que aprendi com eles sobre a fotografia não havia aprendido na disciplina de fotojornalismo na faculdade. Com eles, aprendi todo o processo de revelar a mecânica de revelar uma fotografia, e também os documentários em que assistimos. E mais, observar toda a concepção da imagem preta e branca ou colorida, da fotografia, do retrato, da foto, etc... Esse é curso que fez diferença na minha vida!

Considerações finais

Ao dialogar com a perspectiva que enxerga a deficiência não como um déficit, mas como diferença e potência (Skliar, 2003; Kassar, 2011), o relato da experiência do professor com baixa visão no curso de fotografia emerge como um potente catalisador de reflexão. Suas respostas não apenas endossam essa visão, mas a materializam, oferecendo um contraponto direto aos preconceitos arraigados sobre as limitações pessoais e a capacidade em áreas tradicionalmente associadas à *visão plena*. A trajetória do professor desafia a concepção de que a deficiência visual é um impedimento intransponível para a atuação em campos visuais, como a fotografia. Ele não apenas se aprofundou na história e na arte fotográfica, mas também desenvolveu uma habilidade de “imaginar a fotografia na mente” antes de capturá-la. Isso demonstra que a percepção e a criação imagética vão muito além da acuidade visual, envolvendo uma complexa interação de sentidos, cognição e sensibilidade. Sua melhoria na fotografia após o curso, onde “a imagem é, exatamente, aquilo que pensei”, é um testemunho de sua potência criativa e expressiva, tensionando os limites do que se entende por capacidade e competência.

Ainda que o professor tenha vivenciado o capacitismo em sua trajetória formativa, ele enfatiza que no curso de fotografia os materiais e equipamentos foram acessíveis e adaptados. Isso ressalta a importância de um *design* inclusivo e de práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade como ponto de partida. Sua sugestão de “qualificar melhor o profissional da educação, ou seja, remunerá-los, treiná-los e também qualificá-los para lidar melhor com os PCD’s” reforça a necessidade de uma

transformação sistêmica. Não se trata apenas de adaptar materiais, mas de desconstruir a ideia da deficiência como limitação individual e, sim, como uma questão que demanda a responsabilidade de todo o sistema educacional em promover ambientes verdadeiramente acolhedores e capacitadores.

O conselho do professor de que a “fotografia é uma arte” que “requer uma entrega total” e que pode ser um “estilo de vida”, ou até mesmo uma “forma de curar uma depressão”, transcende a técnica e toca na dimensão humana e transformadora da arte. Essa perspectiva, vinda de alguém com baixa visão, é uma inspiração direta para todos os professores: romper com o capacitismo na educação significa reconhecer e fomentar as diversas formas de expressão e talento em cada estudante, independentemente de suas condições.

Destacando a potência criativa e expressiva de uma pessoa com deficiência visual no campo da fotografia, este relato amplia a compreensão do que se entende por capacidade e competência, tensionando concepções normativas que ainda sustentam práticas capacitistas.

A trajetória do professor com baixa visão, narrada neste estudo, convoca-nos a repensar o papel da escola como espaço de descoberta, escuta sensível e valorização das múltiplas potências humanas. Sua experiência evidencia que uma educação verdadeiramente inclusiva não se limita à acessibilidade física ou tecnológica, mas exige o reconhecimento da diversidade como valor ético e político. Ao deslocar os limites tradicionais de percepção e aprendizagem, a vivência aqui registrada demonstra que a fotografia pode se constituir como linguagem inclusiva, favorecendo processos formativos que desafiam o olhar normativo e legitimam outras formas de interação com o mundo. Assim, reafirma-se a necessidade de construir práticas pedagógicas comprometidas com a desconstrução do capacitismo e com a promoção de ambientes educativos que acolham, incentivem e potencializem diferentes modos de ser, aprender e ensinar (Sassaki, 2005; Mittler, 2003).

A experiência relatada convida a uma reflexão mais ampla sobre as maneiras pelas quais os preconceitos podem ser desafiados e a valorização das diversas capacidades que podem ser inspiradas nas salas de aula. ■

Referências

- ANTUNES, Jeferson; TORRES, Cicero Magerbio Gomes; ALVES, Francione Charapa; QUEIROZ, Zuleide Fenandes de. Como escrever um relato de experiência de forma sistematizada? Contribuições metodológicas. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades – Revista Pemo**, v. 6, p. e12517, 2024. DOI: 10.47149/pemo.v6.e12517.
- BONI, Luis Fernando. **Fotografia e Educação: imagens de um novo olhar**. Curitiba: Champagnat, 2007.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- BRASIL. **Planejando a próxima década: conhecendo as 20 metas do Plano Nacional de Educação (PNE)**. Ministério da Educação / Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/ SASE), 2014. Disponível em: https://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf. Acesso em: 21 ago. 2025.

- DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- KASSAR, Monica C. M. Inclusão escolar e educação inclusiva: contribuições para a discussão sobre a formação de professores. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 407-428, 2011.
- MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Educação especial no Brasil**: história e políticas públicas. São Paulo: Cortez, 2011.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Trad. Guilherme Vattimo e José Luís Bernal. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MITTLER, Peter. **Educação inclusiva**: contextos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- SANTOS, Selma; MIRANDA, Cláudia; GONZAGA, Roni. A fotografia como recurso didático: caminhos para a prática pedagógica na cultura digital. **Revista Educação Pública**, v. 18, n. 9, 2018. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br>. Acesso em: 26 maio 2025.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 2005.
- SILVA, Rafaela Zorzanelli da. **Capacitismo**: a construção social da deficiência. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020.
- SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (im)possível**: introdução à educação dos surdos. Porto Alegre: Mediação, 2003.